



Sociedade das Ciências Antigas

A OBRA DE STANISLAS DE GUAITA DO PONTO DE VISTA OCULTO

POR SEDIR

Não é sem um sentimento de apreensão que, para satisfazer o desejo do Dr. Papus, empreendo-me em escrever estas páginas, por demais insuficientes, à memória de um dos meus primeiros mestres e de um dos meus mais caros amigos. Distante de mim a pretensão de querer julgar a obra imponente do pensador, o edifício perfeitamente belo – ainda que a morte viesse deter a sua realização – erigido à glória da Tradição Ocidental; eu não sou mais do que o menor dos servidores de uma falange de espíritos admiráveis, dos quais a Providência me concede diariamente como exemplo da ciência e da santidade: eu não sei por conseguinte nada que Ela não tenha me feito saber pela sua boca, e, se estas páginas puderem ajudar aos sinceros buscadores a melhor compreender o pensamento de Stanislas de Guaita, será graças aos fragmentos que pude reter das lições deste apóstolo, entre os primeiros dos quais ele esteve, segundo a ciência e a antiguidade.

STANISLAS DE GUAITA

Um Francês, recebido há longos anos nas misteriosas criptas dos templos de Shiva, contava-me um dia as suas provas de iniciação e repetia-me os conselhos do Colégio do qual foi aluno: “Vai,” disseram-lhe, “volta à tua pátria, sejas tu mesmo, permanece desconhecido, e não te deixes seduzir por nenhum reflexo e por nenhuma serpente”. Pois bem, Stanislas de Guaita era, por direito de nascimento, ao que parece, o cérebro potente, a vontade real diante do olhar direto de que tremem e desmaiam-se todas as volúptias da Grande Serpente. E com efeito, todo o seu trabalho foi consagrado a definir, a clarear, a pôr à luz do dia a essência, a natureza e a biologia desta força misteriosa no seu aspecto radical.

Toda obra de ciência oculta, mesmo se é escrita numa língua profana, como a nossa, contém, pelo único fato de que ela reflete as formas essenciais do Verbo, um sentido natural, um sentido comparativo e um sentido hieroglífico.

Sem pretender aqui descobrir quais ensinamentos mais ocultos encontram-se sob o brilhante véu filosófico e pitagórico do Templo de Satã, podemos pelo menos olhá-lo sob um ângulo mais direto do que fazem em geral os leitores saídos do Mundo ou da Escola. O hieroglifismo vivo das antigas sínteses vai servir-nos de guia, e entre os seus múltiplos símbolos, é o da serpente o que iremos estudar.

Vemos um animal que parece pertencer às mais primitivas espécies que a Terra tenha produzido; é contemporâneo das épocas antediluvianas, das cavalinhas gigantescas, dos fetos arborescentes; abunda onde a terra impura parece o mais penosamente possível pressionada pelos raios de um sol devorador, onde sob a ação torturante deste fogo que transpassa suas entranhas, os húmus, as excreções vegetais, os terriços em fermentação, todas as formas do Satã negro vêm condensar no ser reptiforme a essência de seus venenos e de todas as cóleras maldosas das suas obscuras almas.

A serpente é ligada à terra, é um ser celestial cujas asas foram cortadas; na luz de glória foi o serafim fervilhante de amor; não é mais que uma criatura de repulsa e de temor, devoradora do fogo colérico do Ódio, à superfície do Inferno zodiacal; em sua substância, é o Mercúrio universal; é por isso que era o sinal de Hermes e de Esculápio; o seu princípio divino é o Espírito-Santo.

Eis como, de acordo com a preciosa tradição, mencionada pelo Dr. Marc Haven, Stanislas de Guaita fez, antes de receber a Coroa dos Eleitos com o místico ósculo do Eterno, que deleitou aos seus irmãos e alunos, na sua obra “Chave da Magia Negra”, um comentário ao Shir Hashirim no “Canto do Espírito Santo”.

Na sua exposição dos mistérios cosmogônicos e fisiogônicos, o marquês de Guaita tomou como guia o que o Fil... Desc... chamava “a maior luz que surgiu sobre a terra após Aquilo que é a própria Luz”, quer dizer, o humilde sapateiro de Gorlitz, Jacob Boehme. Ele esclareceu as sublimes trevas com o castiçal de sete braços do Bereshit; confrontou o obscuro artesão espectador das mesmas magnificências eternas do fundo da sua sapataria, entre as preocupações básicas da vida doméstica, com o taumaturgo do Sinai, todo um povo lançado na poeira de seus pés, enquanto que se desenrola nas fulgurâncias da Luz de Glória, a epopeia formidável da qual ele preparava o Templo.

A obra de Guaita, não são livros, mas um palácio, com quartos solenes, ou obscuros ou alegres, com suas adegas, os poços de suas masmorras, e a torre, (*infelizmente!*) inacabada, de um torreão que previa-se majestoso; nestas salas foram convocados todos os mestres do Esoterismo e também seus alunos.

Eis o laboratório heteróclito do soprador de vidros, eis os modestos instrumentos do verdadeiro alquimista, sobre este terraço o astrólogo observa as estrelas; no fundo dos fossos, a feiticeira anda à caça de sapos e colhe plantas venenosas; na capela ora o místico, eis o oratório que o mago dispõe de acordo com as Sete Formas, eis a vasta biblioteca onde o cientista examina os in-fólios.

De todos os quartos fechados, as fechaduras obedecem a só uma chave, dupla pelos seus ramos, tripla em seus usos, e é aqui que convém chamar a atenção sobre uma particularidade importante no estudo intelectual do Ocultismo.

O nosso entendimento, embora susceptível de um desenvolvimento indefinido, tem necessidade, para viver, das noções do Tempo e do Espaço; é dito que o melhor método para desenvolvê-lo consiste em não lhe recusar nenhum alimento, ou seja, em aceitar todas as ideias, porque elas contêm todas, uma parte de verdade e uma parte de erro, e porque erro e verdade são termos relativos.

Assim nenhum esoterismo deve ser negligenciado; o oculto está por toda a parte; e cada mestre o apresentou sob uma luz diferente. O espetáculo ao qual nos convida Stanislas de Guaita mostra o Universo sob o aspecto da Polaridade Universal. Ninguém compreendeu da mesma forma, a não ser Eliphas Levi, que o preto e o branco têm necessidade um do outro para existir, e necessitam-se reciprocamente; e sobretudo nenhum outro trouxe tamanha compreensão aos seus leitores, deste princípio de toda manifestação temporal.

É no universo, em Abel e Caim; é no nosso sistema zodiacal, em Ionah e Hereb; é em nosso idioma o Espaço e o Tempo; nos Gregos, Réa e Saturno; para Boehme, a expansão e a adstringência; para Saint-Martin, o movimento e a inércia; é Michael e Satã; é o Espírito Santo e a Serpente; é na meteorologia, o dia e a noite; na alquimia, o Enxofre e o Sal.

Assim as miríades de fenômenos, de formas, de seres, de leis, de paixões, vêm se alinhar a um ou a outro destes campos, e lá não esperam mais que o laço que as deve reunir de novo, reacioná-las, aprimorar suas forças latentes e fazê-las morrer para dar nascimento a novos seres. Esta relação é o Grande Hermes, e deixaremos ao leitor o prazer de reencontrar a cada página dos livros de Guaita a silhueta do Mensageiro dos Deuses, corrente do ativo ao passivo e espectro do passivo ao ativo.

Isto nos conduz diretamente ao termo universal, à fonte incognoscível de onde ele provém incessantemente: a Teogonia.

Isso que nos expõe o Grão-Mestre da R+C Cabalística é a própria face do Deus da síntese ortodoxa, é o Nome Incomunicável, cuja revelação de Cristo nos permitiu levantar ainda um véu.

Sob o véu de Aesch, o fogo divino que se irradia do alto, “e que dissimula a própria essência da incomunicável unidade”, o olhar corajoso do neófito se alça até à fonte oculta na qual repousa a virtude do Pai, até o esplendor vívido de onde floresce como o Verbo, Ioa Elohim, até o Amor Supremo, Rouach Hakadosh, que procede de um e do outro, que é o agente das suas maravilhas, o inexplicável mediador entre sua essência não-revelada e das suas múltiplas manifestações.

É no terceiro volume da Serpente do Gênesis que Guaita havia, ademais, reservado a tarefa de sondar as deslumbrantes profundezas do primeiro Ternário, mas a Providência não quis que tais luzes nos alcançarem; respeitemos o obscuro mistério dos seus desígnios.

Segundo Guaita, eis a chave da Androgonia, e por conseguinte, o objetivo da Evolução Iniciática:

O Homem-Essência e Deus manifesto, são idênticos.

Do ponto de vista da Natureza-Essência, o Verbo, o Ioa-Elohim de Moisés é o Homem Protótipo, o Adão-Kadmon, ou o princípio original dos seres vivos.

Do ponto de vista da Natureza física, este Verbo é Deus Manifestado: é Aquele a quem adoramos sob o nome de Ieoshuah.

Assim, o dogma da Encarnação do Verbo possui um significado real e preciso, especialmente no que diz respeito à alma humana; ela atravessa todos os planos deste mundo, passando dos mais espirituais aos mais materiais, revestindo-se de roupagens ou couraças progressivamente opacas, até que, por fim, atinge o fim de seu percurso, em nosso plano material, de onde pela lei eterna do binário ela remonta em direção ao seu ponto de partida.

A lei da polaridade encontra sua expressão tanto na constituição anatômica do submúltiplo humano, macho ou fêmea, em sua fisiologia, em sua psicologia, tanto quanto nas relações dos sexos, na constituição do estado social, enfim, na aquisição dos poderes do Adeptado.

Stanislas de Guaita fala muito pouco de toda a parte prática do ocultismo, a não ser para condená-la, quando é de toda instintiva, como o espiritismo ou amiúde o magnetismo; para mostrar os perigos quando se trata da Magia Cerimonial, ou para expôr apenas os princípios mais gerais dos trabalhos mais secretos e mais sagrados do Aprendiz.

Os hierogramas do Hereb e de Ionah servem-lhe ainda para estabelecer a dupla via da Iniciação Real.

Primeiramente, o Aprendiz busca seu Centro: edifica laboriosamente a sua individualidade, defende-a com grande esmero contra o incessante assalto renovado pelos meios destrutivos, procede do baixo ao alto, levando à perfeição relativa o seu corpo físico, em seguida o corpo astral, e depois o intelecto. É o que Guaita designa por Via Ativa, conduzindo ao Êxtase e que se efetua por intermédio do Corpo de Gloria.

O segundo método é completamente inverso: o seu único esforço reside no abandono da vontade; ao redor deste movimento capital agrupam-se todos os trabalhos da cultura anímica, as purificações, as dores, os desejos de amor, os atos de caridade. Muitos afirmam que esta via é mais difícil de se

seguir, pois os perigos se apresentam sobretudo no início, nos resultados do aprendizado; enquanto que, no primeiro método, o inimigo espera que já se esteja forte o bastante, para que o orgulho possa nos precipitar em um abismo ainda mais profundo.

As preferências do Marquês de Guaita não se dirigiam exclusivamente para uma ou outra destas vias, mas sim para uma terceira, consistindo na aplicação alternada da ativa e da passiva. Aqui encontrariam a sua explicação os mistérios de Aum e os de Ieoschuah; mas tomaremos sobre estes pontos a prudente reserva daquele cuja obra estudamos com respeito, e, após este rápido e por demais incompleto panorama sobre a sua doutrina, iremos tentar extrair uma conclusão que seja um ensinamento para o nosso espírito e que resulte em um novo impulso para o nosso coração.

Na sua essência, a doutrina esotérica é imutável, dado que exprime a gnose total e que esta é tão-somente a imagem de Deus na inteligência humana. Mas ela se manifesta de forma diferente através dos séculos, e a história dos seus aspectos não é outra senão a metade superior, o lado real, da história do espírito humano cuja história da ciência exotérica é a imagem refletida.

Por conseguinte, não nos espantemos ao ver um ocultismo materialista, um ocultismo ateu, um ocultismo naturalista ou panteísta ou puramente idealista, ou puramente filosófico; são faces da pedra cúbica que é preciso estudar com o mesmo cuidado, até que a pedra possa ser aberta. A lei geral destas variações está inscrita há centenas de séculos nos hieróglifos zodiacais, e sem a pretensão de explicar aqui os seus desenvolvimentos, o estudo de uma pequena porção da história irá nos convencer rapidamente da sua exatidão.

Sabe-se com que intensidade, no fim do século XVIII, estendeu-se por toda a Europa o gosto pelo ocultismo e pelas suas manifestações experimentais. Magia, necromancia, evocações, alquimia, todas as artes ocultas colocaram-se à disposição dos maiores infortúnios da maioria de seus adeptos; foram a Alemanha e o norte da Europa que forneceram o largo contingente de todos estes prestígios.

Após esta efervescência do astral, era necessário uma retomada sintética do entendimento, de tal forma que permitisse classificar todos os elementos díspares, levados a cabo por uma multidão e destinados a serem centralizados em um só cérebro. Este movimento paralelo ao da Revolução Francesa na ordem social, conduz Fabre d'Olivet como o outro conduz Napoleão. Este pensador genial, este metafísico extraordinário, pôde reunir a mais completa enciclopédia do ocultismo intelectual que o Ocidente nunca havia visto surgir à luz. A China, a Índia, o Egito, a Caldéia, o Tibete, a Escandinávia, os Celtas entregaram a este visionário os seus segredos, ocultos nas profundezas da Luz secreta e permitiram-lhe apresentá-los ao mundo por meio de uma filosofia pitagórica, coroação necessária de todos os estudos escolásticos.

Contudo, o aspecto humano das artes ocultas representadas por seu rudimento, o magnetismo animal, continuava a ocupar alguns pioneiros; o Invisível preparava secretamente, para uma atmosfera mais etérea do que a nossa, uma manifestação da sua potência complementar à precedente, ou seja, pedindo principalmente a passividade; o espiritismo popular iria turbilhonar da América à Inglaterra e à França.

Tal foi Stanislas de Guaita, tal foi o mestre cuja partida lamentamos todos, aquele cujas nobres frases foram o guia dos meus primeiros estudos, o amigo por quem, enfim, choro...

Então, o Anjo da Gnose secreta que já havia dado aos esforços dos filósofos um canhão para a obra de Fabre d'Olivet, suscitou para o governo audazes aventureiros do Astral, o magista Eliphas Levi. O caráter deste mestre é a ciência prática do Grande Agente Mágico, é a adivinhação das suas correntes, de seus fluxos e seus refluxos, é o manejo das duas polaridades da Luz, é, por fim, a exaltação da vontade ou a iniciação da alma até os mistérios do Androginato.

Este longo preâmbulo conduz-nos a esta dupla constatação: que do lado da corrente filosófica representada por Fabre de Olivet, o equilíbrio do candidato à iniciação é quebrado em detrimento da prática, como demonstraram, de outro lado os atos pessoais do teósofo de Ganges; e, do lado da corrente intuitiva, artística, se assim se pode dizer, representada, sob uma terminologia hebraica por Eliphaz Levi, o equilíbrio é destruído igualmente em detrimento da ciência intelectual; era necessário, portanto, sempre na mesma escola teórica, um novo hierofante que soubesse conciliar o exclusivismo dos dois mestres supracitados, equilibrar a filosofia pela biologia, e a metafísica pela alquimia; era preciso um cérebro forjado pelas rigorosas deduções das ciências exatas e uma alma de poeta vibrante a todos os ritmos da beleza; era necessário por último, para o objetivo especial do ensino da Alta Ciência, uma erudição de filósofo enciclopedista, uma vontade fixada perenemente sobre as deslumbrantes formas do Verbo Supremo, uma inteligência perfeitamente equilibrada e capaz de constatar a Unidade em todas as suas diversidades.

Tal foi Stanislas de Guaita, tal foi o mestre cuja ausência todos lamentamos, cujas nobres frases foram o guia dos meus primeiros estudos, o amigo que, por fim, choro, e com quem as horas de estudos esvaíam-se tão rapidamente entre os incunábulo e os velhos in-quarto com suas suntuosas encadernações!...

Ou talvez não, detenhamos nossa dor, todos nós irmãos a quem me dirijo e a quem comunicamos sob o mesmo santo sinal, pelo qual exprimimos a nossa ardente convicção; a exemplo desses povos de países longínquos, onde se conservou a fé dos cultos ancestrais, não lamentemos a perda de um ser caro, mas congratulêmo-nos por sua gloriosa ascensão, revistâmo-nos com as vestes brancas das almas que pairam sobre as ondas do Shamaim, ergamos em nossas mãos entusiastas as faixas purpúras dos Hierofantes e o Cetro Real do Adepto: um de nós acaba de receber a Coroa, nasceu para a Vida Gloriosa e Divina.

Que o Santo Nome do Pai seja bendito eternamente.

Publicado na revista "L'INITIATION" (Janeiro de 1898)

FIM